



Mandei minha mulher para a escola

(Condensado de «The American Magazine»)

Por Vance Packard

SE O SEU filhinho puser a língua pra fora e chamá-lo de velho caduco, não tome conhecimento do insulto. Rejubile-se intimamente por ter um filho tão formidável e tão normal. Êle está simplesmente canalizando sua agressividade e seus ressentimentos por meio de uma inofensiva exteriorização verbal. Obtive esta informação diretamente de uma das mais eruditas entre 116 espôsas e mães norte-americanas. Refiro-me à minha mulher.

Com outras 115 mães de família vindas de todos os recantos dos Estados Unidos, ela frequentou o curso de Relações Familiares, de Vassar, em Poughkeepsie, no Estado de Nova York. Durante as férias, os pais e seus rebentos podem passar ali um mês aprendendo a viver uma vida de família mais completa e mais pacífica. Entre os professôres contam-se alguns dos mais competentes educadores, técnicos em psi-

Um pai à moda antiga sofre o impacto da "nova perspectiva" nas relações familiares

cologia infantil, assistentes sociais, especialistas em economia doméstica e conselheiros matrimoniais dos Estados Unidos.

Hoje em dia, minha mulher é a autoridade máxima da vizinhança em tudo quanto se refira a lidar com crianças. Custa compreender que—antes do curso—ela era, confessadamente, um verdadeiro fracasso como espôsa, mãe e dona de casa. Os professôres se queixavam das traquinices de um dos nossos filhos, e isso era um desgosto para ela. Tinha a impressão de que a nossa casa frequentemente periclitava, à beira do caos. E o nosso casamento... bem, não era pròpriamente o que a leitura de livros para mocinhas lhe fizera esperar.

Matriculou-se no curso do *Vassar College* com os nossos três filhos menores: Vance, de oito anos; Randall, de cinco; e Cindy, de dois apenas. Os meninos ficaram em dormitórios separados (em companhia de mais umas 150 crianças) sob a constante supervisão de jovens e simpáticos educadores, quase todos do sexo feminino. Passavam o dia inteiro levando a vida que haviam pedido a Deus numa terra de Promissão das Crianças, com pátios de recreio, cabanas de troncos, piscina e extensos gramados.

Minha mulher só via os filhos de manhã, por uma hora. Passava o resto do tempo numa atmosfera de *country-club* (campos de golfe, quadras de tênis, dormitórios luxuosos), impregnando-se de conferências sobre a vida doméstica. Aprendeu a enfrentar um marido rebelde, a lidar com as crianças, a aproveitar ao máximo o salário do espôso, a tirar o lustro das calças dêle (use vinagre) e a se tornar uma pessoa mais viva e criadora. Além disso, acrescentou "novas dimensões" à sua vida, dedicando-se a danças folclóricas portuguesas, a escrever peças teatrais, a escultura em arame, oratória e fabricação de brinquedos.

Comecei desconfiando de que algo de muito sério se estava preparando quando fui a *Vassar*, uma semana depois de minha família ter ido para lá. Ia carregado de caixas de coisas que Virgínia, minha mulher, me pedira pelo telefone. Contava que estivesse por ali esperando-

me. Não estava, pois minha chegada coincidiu com a hora de «seminário básico».

• Era um dia quente e úmido. Quando Virgínia apareceu, hora e meia depois, encontrou-me de muito mau humor.

Como é hábito meu em tais circunstâncias, disse-lhe o que pensava, alto e bom som. Esperava que ela, como sempre, retrucasse com violência. Mas uma coisa espantosa aconteceu: deixou-me sem ter o que dizer, assegurando calmamente que, sem dúvida alguma, eu tinha razão para estar zangado. Percebi que movia os lábios, mas nenhum som se fez ouvir. (*Vassar* não censura as exteriorizações verbais em voz alta dos maridos, mas sustenta que são quase sempre coisas insignificantes).

Algumas horas mais tarde Virgínia me contou que Vance se tinha mostrado fanfarrão e agressivo perante os seus novos companheiros. Respondi que ia acabar logo com aquilo dando-lhe uma boa sova.

Ela me disse com grande firmeza:

—Acho que você já foi longe demais nesse particular.

A reprovável conduta do garoto, segundo ela me informou, era antes de mais nada um mecanismo de defesa resultante de uma sensação de insegurança. Um pai tirânico, sugeriu ela diplomáticamente, só serviria para fazer com que os sintomas se agravassem. O que meu filho necessitava de mim era uma afeição compreensiva que lhe desse confiança em si próprio.

E a coisa foi nesse tom por todo aquêle fim-de-semana.

Desde que estiveram em Vassar, tanto minha mulher como meus filhos vivem ministrando-me ensinamentos sôbre como lidar com crianças. Há dias reparei que Vance enfiava a comida na bôca como se estivesse jogando carvão para dentro de uma fornalha. Depois de o advertir por duas vêzes, disse-lhe que êle acabaria apanhando se não comesse mais devagar e não mastigasse com a bôca fechada.

O garôto parou a colher a meio caminho o tempo bastante para me explicar:

—Os castigos corporais estão fora de moda.

Francamente, os meus velhos métodos de pai me inspiram agora tão pouca confiança que conto até dez antes de abrir a bôca. Aprendi que não devo dar um safanão em Randall e dizer-lhe:

—Saia de cima do sofá com êsses sapatos imundos.

Em vez disso, devo perguntar-lhe delicadamente:

—Randall, você não gostaria de sujar o sofá, não é verdade?

Já não me sinto com liberdade de anunciar numa tarde de sábado:

—Muito bem, pessoal. Todos para o carro! Vamos ao museu.

Isto, ao que me afirmam, não passa de autoritarismo antidemocrático. Esperam agora de mim que eu convoque uma reunião e peça aos meninos para ajudarem a decidir o que devemos fazer. Põe-se o

caso em votação. O resultado é que geralmente em vez de ir visitar o museu vamos todos fazer alpinismo.

No caderninho de notas de Virgínia encontro a todo o momento a mágica palavra "tolerância". Parece que a maneira ideal de educar uma criança é a maneira tolerante.

Que devemos entender por isso? No fim de contas acho que significa apenas o seguinte: "Deixá-los fazer o que lhes der na telha, tanto quanto possível." O contrário de um pai tolerante é um pai «opressivo». Não tardei a descobrir que eu tinha sido um pai opressivo da pior espécie.

Certa noite, à hora do jantar, quando Vance ia pelo meio da quarta sobremesa, comecei a protestar, mas Virgínia me fêz sinal para ficar quieto. (Todos os nossos filhos agora comem apenas o que bem entendem, sem pedidos nem ameaças da nossa parte). Depois do jantar minha mulher me informou:

—Os garotos não tardarão a saber os alimentos de que necessitam, e a comê-los. Se nos intrometemos tentando impor-lhes o que devem comer e quanto devem comer, estamos procurando encrenca. Durante anos, como você deve lembrar-se, êles não queriam comer aquilo que lhes indicávamos, só para nos aborrecerem ou para chamar a atenção.

Que se pode responder a isso?

No sistema de tolerância as crianças não são forçadas a fazer isto ou aquilo: dá-se-lhes «orientação sem coação». Há dias anunciei—na minha costumeira voz autoritária—

que o quintal estava uma vergonha e era preciso dar um jeito nêle. Reparando que minha mulher franzia as sobrancelhas, lembrei-me súbitamente da tal «orientação sem coação». (“Não se deve *obrigar* uma criança a fazer seja o que fôr. O certo é ajudá-la a *desejar* fazer”.)

Com a voz mais aliciante atraí Vance e Randall para o quintal.

—Ora vamos ver, comecei com estudada displicência. Que é que vocês acham necessário fazer?

Silêncio.

Levei-os então a dar uma volta pelo quintal. Em frente dum monte de tábuas perguntei a Randall se êle não via nada que fôsse preciso retirar dali. Com vivacidade bastante satisfatória, respondeu:

—Isto aqui, papai?

—Maravilhosa idéia, disse-lhe eu.

Em breve Vance estava vendo asas de aeroplanos desmanteladas, um livro de histórias em quadrinhos, saquinhos de balas vazios. Depois de examinarmos todo o quintal, perguntei—no meu melhor estilo de orientação sem coação:

—E agora, como vamos fazer?

Vance apresentou uma solução:

—Eu vou fechar os olhos e começar a rodar. O lugar para que eu estiver apontando quando parar é onde Randall deve começar.

Não era uma idéia muito prática mas vi-me obrigado a aceitá-la.

—Ótimo, disse eu a Vance.

Dividimos então o resto entre nós dois.

Foi assim que limpamos o quintal.

Dizem-me que há mil maneiras erradas de lidar com uma criança traquinas. Por exemplo: a minha maneira. No outro dia minha mulher informou-me:

—O seu êrro é estar sempre apresentando ultimatos. Você é mais exigente do que pensa, em questões de disciplina.

Fui criado numa localidade rural, onde imperava a mais severa disciplina. A crença geral era que todos os meninos são meio amalucados e que a melhor maneira de reduzir as maluquices ao mínimo é administrar sovas freqüentes.

No entanto, a instâncias de minha mulher, e antes mesmo do curso em Vassar, eu tinha já deixado de recorrer apenas à vara de marmelo. Eu e Virgínia começamos a instituir recompensas por bom comportamento. Propus que se desse um prêmio semanal àquele que diariamente ganhasse mais pontos por “Fazer o que se manda”. Minha mulher tinha aprovado o projeto com a seguinte emenda: “Por fazer o que se pede”.

Mas vejo agora que também as recompensas não são vistas com muito bons olhos. Diz minha mulher que no sistema de recompensas (subôrno), os pais deixam de dar à criança uma verdadeira idéia do valor que ela realmente busca. Acima de tudo, as crianças desejam o afeto e o amor dos pais. E desejam ser apreciadas e compreendidas por aquilo que realmente são.

Foi preciso ficar bastante tempo

à espreita para lhe arrancar a informação—pois temia que eu abusasse dela—de que Vassar aprova o castigo corporal em certas circunstâncias. Em resumo, não se pode deixar que a criança cometa assassinio, por exemplo, e não seja punida. No máximo “crimes” menores. Devem sempre existir limites bem definidos pelos quais a criança possa guiar-se, e ela tem de saber que haverá sempre “conseqüências” se ultrapassar êsses limites.

Não tem sido lá muito agradável receber de minha própria espôsa aulas sôbre a vida de família. Mas, para ser franco, devo confessar que me agrada quase tudo quanto constitui influência dos cursos de férias de Vassar sôbre minha família. Meus três filhos sofreram tal transformação que quase nem os reconheço. Têm mais confiança em si próprios, mostram-se mais cordiais, mais cal-

mos e mais corteses para comigo.

Acho que minha mulher também obteve reais benefícios com o curso.

Aprendeu que o “casamento perfeito” é uma coisa meio enfadonha. Agora, em vez de me olhar com profunda consternação tôda vez que discutimos, adota o calmo ponto de vista de Vassar segundo o qual as tempestades são um ingrediente essencial num casamento verdadeiramente feliz.

Provavelmente a idéia básica que ela trouxe do curso foi que, no tocante a relações domésticas, aceitar a vida como ela vem, sem se preocupar excessivamente, é a atitude que promove uma existência mais plena e satisfatória. No seu caderno de apontamentos lemos a seguinte frase: “As coisas que tanto nos preocupam nas crianças fazem parte da alegria, do esforço e do prazer de crescer e de viver”.



*H*Á DIFERENÇA entre a beleza e o encanto. Uma mulher bela é aquela que eu noto. Uma mulher encantadora é a que me nota.

—John Erskine



Na lufa-lufa de hoje

*P*OR QUE razão as jovens mães de hoje raramente amamentam os seus bebês? perguntei ao nosso velho médico.

—É natural, respondeu êle, após um instante de reflexão. Pegue uma vaca e leve-a correndo para o pasto. Faça-a correr ali o dia inteiro a tôda a velocidade. Depois, quando chegar a noite, faça-a correr de volta para o curral. Essa vaca também não dará leite! —E. R.